

JOVENS-ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E O USO DO SMARTPHONE NO MUNDO ESCOLAR PÚBLICO: PRÁTICAS ASTUCIOSAS, CAUSAÇÕES E TENSÕES

YOUNG HIGH SCHOOL STUDENTS AND THE USE OF SMARTPHONES IN THE PUBLIC SCHOOL WORLD: CUNNING PRACTICES, CAUSES AND TENSIONS

Guilherme Wilson Furlan Matos Alves*

Elmir de Almeida**

Sérgio Cesar da Fonseca***

RESUMO: Este artigo apoia-se em resultados de pesquisa realizada em Programa de Pós-graduação em Educação, desenvolvida com jovens-estudantes de ensino médio de uma escola pública do interior paulista entre 2019 e 2022. Seu principal objetivo foi apreender e interpretar como a utilização do *smartphone*, uma mediação cultural, por jovens-estudantes ocorria nas interações e relações que eles estabeleciam com os pares e os seus docentes—adultos no interior do mundo escolar e fora dele. De abordagem qualitativa, nas atividades de campo usou-se o levantamento bibliográfico, a observação, o registro em caderno de campo e a realização de grupos de discussão com trinta e oito (38) estudantes: dezesseis (16) do 1º ano, vinte e dois (22) do 3º ano, posicionados naquela etapa da escolarização básica. Neste texto, serão destacadas e analisadas as práticas astuciosas, as causas e as tensões que os jovens-estudantes conformaram em diferentes espaços-tempos do mundo escolar em que eles construíam interações sociais mediante o acesso e uso do *smartphone*.

Palavras-chave: Jovens-estudante; Ensino médio; Escola pública; *Smartphone*; Práticas astuciosas.

ABSTRACT : This paper is based on the results of the research carried out in a Postgraduate Program in Education, developed with high school students from a public school in the country region of São Paulo, between the years of 2019 and 2022. Its main objective was to understand and interpret how the use of smartphones, a cultural mediation, by young students occurred in the interactions and relationships they established with their peers and their teachers within the school context and outside of it. With a qualitative approach, the research was

* Mestre em Educação pela USP. Contato: guilhermefurlan1@yahoo.com.br

** Doutorado em Educação pela USP. Docente da USP. Contato: elmir@ffclrp.usp.br

*** Doutorado em Educação Escolar pela UNESP, com pós-doutorado pela UFMG. Docente da USP. Contato: sergiofonseca@usp.br

conducted by a bibliographical survey and in the field activities, the observation, records in a notebook and discussion groups with thirty-eight (38) students: sixteen (16) from the 1st year and twenty-two (22) from the 3rd year, placed at the stage of basic schooling. In this text, the cunning practices, causes and tensions that young students formed in different spaces and times of the school context, in which they built social interactions through the access and use of smartphones.

Keywords: High school students ; High school ; Public school ; *Smartphone* ; Cunning practices.

INTRODUÇÃO

Na sociologia clássica e contemporânea é possível apreender perspectivas teóricas que defendem a proposição de que o indivíduo moderno é aquele que interioriza os papéis e valores sociais objetivados e prescritos por instituições como a família, a escola, a religião, a economia, o Estado nacional, dentre outras; neste processo, o indivíduo e o sistema são definidos como faces de uma mesma realidade e a manutenção dessa interação se deve aos múltiplos processos de socialização primária e secundária que os sujeitos vivenciam no curso da vida, visando a fabricá-los dos pontos de vista cultural, social e psicológico (Berger; Berger, 1977; Dubet; Martuccelli, 1997; Martuccelli, 2007a; Martuccelli, 2007b, Dubet, 2010)¹.

Mais recentemente, há perspectivas sociológicas que problematizam o papel e a posição social do indivíduo ou do ator² no interior da sociedade e as interações que ele estabelece com as instituições e o mundo social mais amplo, nelas postula-se uma proposição, mais ou menos comum, de que a subjetividade e a identidade do indivíduo não derivam integralmente dos processos socializadores, pois no âmbito da dialética que os caracterizam, o indivíduo exerce um papel ativo, conformando práticas e projetos que revelam novos modos de se relacionar com as instituições e suas prescrições, perspectivas

¹ Para Dubet e Martuccelli (1997) e Martuccelli (2007a), na teoria social há dois conjuntos de posições que esposam tal perspectiva: a “encantada”, que vai de Émile Durkheim a Talcott Parsons, e a “desencantada e crítica”, presente em obras de Nicos Poulantzas, Louis Althusser, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, entre outros.

²Sobre as diferenças das noções de ator, agente, indivíduo e sujeito social, temos nos referenciado em Danilo Martuccelli, *Lecciones de sociología del individuo* (2007b, p. 25).

singulares dele interagir com o outro e mundo social mais amplo (Dubet, 1994; Wautier, 2003; Martuccelli, 2007a; 2007b).

Na abordagem de François Dubet (1994) sobre o tema, por exemplo, o indivíduo nunca está integralmente socializado, pois, ao se tornar um construtor de sua experiência, ele o faz mediante a combinação de várias lógicas sociais e culturais da ação – a da integração, a da concorrência e a da subjetivação. Por tais caminhos, para o autor, é possível perceber que não existe um único centro irradiador da experiência social, e ela não está fora do indivíduo e o recobre, ela também deriva de processos de objetivação de sua ação como ator, de suas interações e relações sociais. Tal entendimento nos coloca diante de uma possibilidade de apreensão e análise do que tem sido compreendido como uma perda de centralidade social e cultural das instituições, inclusive a escola, no trabalho de socialização e fabricação dos indivíduos.

De acordo com aquele pesquisador, ao se analisar o exercício dos papéis e o processo identitário construído pelos indivíduos na contemporaneidade pode-se apreender que eles não são condicionados somente pelas instituições e círculos sociais de pertencimentos. Como indivíduos e atores eles não apenas representam papéis, eles, com relativa independência e autonomia em relação ao sistema, participam dos processos de construção da sua subjetividade, e demonstram que a experiência é, simultaneamente, subjetiva e cognitiva (Wautier, 2003).

No contexto das mutações societárias e culturais contemporâneas – globais e locais, ao ter-se em conta as proposições sociológicas acima, defendemos a ideia de que na pesquisa social e na pesquisa educacional é preciso não perder de vista o quão singulares podem ser as experiências e trajetórias dos indivíduos e seus processos de individuação, na medida em que eles não são redutíveis apenas à conexões universais nas relações, nas interações e na construção da experiência social: no presente, os indivíduos são levados a ser tornar indivíduos por eles mesmos (Martuccelli, 2007a; 2007b). Por este ângulo analítico, é possível apreender que no interior do mundo escolar os indivíduos juvenis e adultos, integrantes de distintas gerações sociais, constroem práticas que promovem uma dissociação entre os papéis e as

posições que lhes são atribuídos normativamente para a dinâmica social e cultural da instituição, produzindo atritos, tensões e conflitos no interior da instituição escolar (Dubet; Martuccelli, 1997; Dubet, 1998; Aquino, 2005).

No âmbito das mutações históricas por que passam as instituições tradicionais da modernidade, não tem sido difícil constatar que os processos de socialização, de sociação e de sociabilidade dos indivíduos que elas produzem, posicionados em diferentes fases do curso da vida, são condicionados e se tornam mais diferenciados e singularizados em virtude das relações que eles estabelecem como as tecnologias digitais da informação e comunicação - TDICs (Sibilia, 2012). Ao se integrarem ao universo das TDICs, os indivíduos vivenciam a chamada sociedade da informação como uma possibilidade de conhecer outras realidades, se identificar ou rejeitar novas possibilidades culturais, experimentar novas formas de socialidade, sociabilidade e experiências sociais³.

Em décadas recentes, as redes sociais, a *internet*, a *web*, o computador, a telefonia móvel – e seus correlatos, e outras mediações culturais que contribuem à sua externalidade e objetivação socioculturais, condicionam os novos modos de relacionamento e compartilhamento de experiências e aprendizados dos indivíduos e entre eles, pois, diferentemente de instituições como a escola, por exemplo, elas são menos marcadas pela linearidade e verticalidade do universo institucional e são mais abertas, porosas e plurais (Sibilia, 2012). Nota-se que nos novos territórios do mundo virtual imperam emergentes perspectivas de aprendizagens, sendo que elas dão indícios de serem construídas por relações menos verticais de poder, por trocas e transmissões culturais de tipos configurativa e mesmo prefigurativas (Mead, 1997; 2002).

De acordo com Manoel Castells (2000), quanto mais jovem o indivíduo, maior é a utilização das novas ferramentas tecnológicas e comunicacionais, e novas formas de comunicações descentradas, coletivas e colaborativas são por eles construídas. Por meio dos *tablets*, *notebooks* e *smartphones* o acesso pode

³ O uso das noções de socialidade e sociabilidade é feito a partir das contribuições de Georg Simmel (2006), mas o uso também é inspirado na distinção feita por Barbosa (2010, p. 152) em seu trabalho “*A maior zueira*”: *experiências juvenis na periferia de São Paulo*.

ser feito de qualquer lugar para qualquer lugar, ou seja, o indivíduo pode estar em diversos lugares ao mesmo tempo (Lucena, 2016). A realidade midiática das TDICs cria novas experiências humanas, como novas possibilidades de interação ou mesmo constituição dos indivíduos, afetando, portanto, os modos de ser, agir e conviver, sobretudo para adolescentes e jovens (Sousa; Leão, 2016).

Pelas TDICs, os integrantes das novas gerações vivenciam um movimento globalizado que demanda por novas experiências a serem construídas de forma coletiva, mas sobretudo de forma individual, diferentemente daquelas propostas pelas mídias tradicionais (Lévy, 1999). Todavia, no interior desse mesmo movimento, os jovens também se produzem como vítimas e atores de práticas de incivildades e de violências veiculadas na internet pelo ódio, o preconceito, a discriminação, a enganação e, eventualmente, a revolta.

Ao se ter em conta as condições estruturais e materiais de existência e as posições sociais que ocupam, os indivíduos se esforçam para construir seus processos identitários, seus projetos de vida (no diálogo com o outro e com os adultos e as instituições) e estes movimentos contribuem para a produção de novos processos de socialização, interações, subjetividade e individuação. Neste sentido, a escola, contexto socioespacial da investigação que fundamenta este texto, como instituição tradicional criada pelos tempos modernos para socializar e educar moralmente os mais novos, que também abriga a fabricação de práticas de sociação e sociabilidade de crianças, adolescentes e jovens, não atua solitariamente na educação dos mais novos (Carrano, 2017), ela conta com parceiros, colaboradores e concorrentes, inclusive seus sujeitos educandos que têm um papel – o de alunos - e ocupam uma dupla posição no seu espaço: são estudantes e jovens.

OS JOVENS-ESTUDANTES E AS EXPERIÊNCIAS DE INTERAÇÕES COM AS TIDCS

Dayrell e Carrano (2014) partilham da premissa de que na contemporaneidade, e em diferentes formações sociais, não há uma juventude, a juventude de ser compreendida no plural, pois os jovens experimentam modos variados e mesmo desiguais de chegarem e vivenciarem a fase juvenil do curso de vida e a condição juvenil que os adultos lhes preparam e outorgam. Neste registro, não há como não ter em consideração a dimensão socioeconômica da existência, mas também a dimensão da cultura, as práticas e as expressões culturais que adolescentes e jovens constroem quando unem elementos, símbolos e signos culturais da globalização e da localidade em que vivenciam a vida cotidiana. Nas manifestações sociais e culturais elaboradas e postas em circulação pelos jovens que as juventudes são tecidas, construídas, isto é, nas experiências que produzem nos campos da música, da dança, da produção audiovisual, nas rádios, nas histórias em quadrinhos, nos fanzines, nos diálogos formativos produzidos e difundidos pela internet em seus múltiplos territórios e canais (Dayrell; Carrano, 2014).

Dado o acima exposto, compartilhamos da proposição de Sales (2014) que, em diálogo com Donna Haraway, discorreu sobre o processo de ciborguização dos humanos na atualidade, na medida em que contínuas são as interações entre homem (organismo) e máquina (artefato). Para esta autora, os jovens são ícones desses processos e artesãos de seus produtos, pois eles interagem o tempo todo com as tecnologias, orientando suas condutas, atitudes, suas interações, seus processos de identização e de produção de subjetividades nas relações que estabelecem com as novas tecnologias. Neste contexto, para amplos segmentos de jovens, temos que o telefone móvel, o tablet - o smartphone, é como se fossem uma parte ou uma extensão de seu corpo e de seus movimentos (Silva; Couto, 2012).

Nos resultados do estudo que sustentam este texto, os jovens estudantes que partilharam suas vivências no mundo escolar, nativos do território numérico, evidenciaram que desde o final da vida infantil eles, cotidianamente, navegavam

pelo território numérico, utilizando seus aparelhos celulares, tendencialmente assumindo, cada vez de modo mais claro, a forma de um ciborgue. Assim, eles não chegavam ao mundo da educação básica de mãos vazias e explicitavam que eram representantes das tendências da sociabilidade infantil e juvenil da atualidade, em nível local e global.

O uso das TIDCs no interior das escolas pelos jovens estudantes tendem a gerar desafios para os processos e práticas de escolarização, para a atuação dos docentes, além de problematizarem e tensionarem as propostas curriculares do ensino fundamental ou do ensino médio (Sales, 2014). Os docentes se inquietam diante das jovens gerações de estudantes ciborgues, eles reclamam, por exemplo, que os jovens não leem, que eles apresentam dificuldades de escrita e letramento, investem tempo em cópias e mais cópias de conteúdos e informações que encontram na internet, sem nem mesmo refletirem sobre as informações, dados e conteúdo que extraem do território virtual. Corti (2014), muito contribui para se compreender os atuais estatutos dos jovens-estudantes, pois para a pesquisadora é possível ver uma dissociação e um conjunto de tensões entre adolescentes e jovens e as gerações adultas da escola. De um lado, existem os estudantes com suas próprias sociabilidades, suas interações, seus grupos de pares - em uma rede de interdependências, e sua cultura, com interesses, linguagens e estilos próprios. Os estudantes vivem a escola ao mesmo tempo em que vivem a adolescência e a juventude e buscam a legitimação dos pares e dos adultos. De outro, tem o mundo escolar, com a imagem ou o modelo de um “velho aluno”, que aceitava e se sujeitava passivamente às normas, regras e à disciplina imposta pelo regimento escolar.

O mundo juvenil e suas tendências contemporâneas de sociabilidades - com suas relações entre pares, estilos, interesses, seus estilos, signos e símbolos adentram o cotidiano da escola, interpelam, reordenam e ultrapassam o tradicional papel do que é ser um aluno, razões pelas quais no espaço-tempo escolar os jovens estudantes também agem no sentido burlar regras, se contrapor a normas, escapar do controle do adulto, produzindo o que Paul Willis (1991) qualificou como sendo uma contracultura escolar.

A PESQUISA SOBRE JOVENS-ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E OS USOS QUE FAZEM DO *SMARTPHONE*⁴ NO MUNDO ESCOLAR

Os resultados da pesquisa que servem de suporte este artigo, foram construídos entre 2018 e 2022⁵. A partir de aportes conceituais expostos nos itens anteriores, o objetivo do estudo foi o de compreender os usos que jovens estudantes do ensino médio de escola pública fazem do *smartphone* e da internet no interior do mundo escolar e os desdobramentos dos usos que efetivam nas interações que eles conformam com os pares e com os representantes do mundo adulto. A hipótese norteadora da investigação foi a de que integrantes das novas gerações de estudantes ao se integrarem no território da escola de ensino fundamental ou médio carregam com eles e põem em circulação os saberes, as aprendizagens e os regimes de sociabilidade que estabelecem no espaço numérico, tendo por mediação a telefonia móvel, tornando mais adensada, complexa e tensa a dinâmica sociocultural e de poder no interior da escola, seja nas interações que elas estabelecem com os representantes das gerações adultas seja nas interações que eles estabelecem com os pares.

Na medida em que o estudo se propôs a apreender e analisar “micro processos sociais”, a abordagem foi qualitativa dedicada a compreensão das ações sociais individuais e grupais, mediante “o exame intensivo dos dados e caracterizados pela heterodoxia no momento da análise” (Martins, 2004, p. 289). Neste sentido, realizou-se o levantamento, a seleção e o estudo da bibliografia acadêmica já produzida sobre o tema, em diferentes bases públicas de dados⁶. Foram realizadas atividades de observação, seguidas de registro em diário de

⁴ Nesta pesquisa compreendido como dispositivo tecnológico digital de comunicação e mediação cultural, trata-se de exemplar de uma geração de telefones móveis que possuem características de computadores – *hardware* e *software*, que permitem aos usuários o acesso dados móveis - internet, a web, à agenda de contatos e a aplicativos múltiplos com funções variadas.

⁵ Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo.

⁶ Além de buscas realizadas no catálogo de teses e dissertações da CAPES, o estudo desenvolvido muito se beneficiou do banco de artigos e teses criado pela pesquisa *O campo de estudos de juventude no Brasil e suas interfaces com a educação e o trabalho: balanço e perspectivas da produção acadêmica (2007-2016)* (2021), coordenada pela Profa. Dra. Maria Carla Corrochano (2021).

campo, das ações e movimentações dos estudantes em diferentes espaços-tempos da escola; por fim, foram conformados e realizados grupos de discussão com estudantes do 1º e 3º ano do ensino médio de escola pública que serviu de território para a pesquisa.

Com os/as estudantes que contribuíram com a pesquisa, aplicou-se um formulário contendo questões abertas e fechadas, visando a construir uma caracterização sociodemográfica deles e de suas respectivas famílias. Decidiu-se pela realização de grupos de discussão a partir de contribuições oferecidas por Paul Willis (1991), Wivian Weller (2006) e Silvestre *et al* (2018), pois com tal expediente é possível apreender e interpretar os micro processos sociais dos estudantes, assim como as visões de mundo, concepções e representações coletivas que eles esposam e compartilham no interior e fora do mundo escolar, no momento do curso de vida em que se encontravam (Weller, 2006; Silvestre *et al*, 2018).

OS TERRITÓRIOS DE INSERÇÃO E INTERAÇÕES DOS JOVENS-ESTUDANTES: UM RETRATO DO CONJUNTO DE ALUNOS E ALUNAS

As atividades de campo da pesquisa foram concretizadas em uma escola pública de ensino médio do governo do estado de São Paulo; o estabelecimento de ensino está situada em região central de município de pequeno porte do interior nordeste paulista, e conta com uma população estimada de 42 mil habitantes, a maior parte dela moradora da área urbana da localidade, integrada, em sua maioria, a uma economia organizada em torno do agronegócio e dos setores do comércio e de serviços (Ibge, 2023).

A escola foi instalada na localidade há 73 anos e atualmente, tendo em vista a política educacional do governo paulista, atende à demanda social por escolarização de ensino médio de filhos e filhas de famílias moradoras de diferentes bairros e distritos do município. Nela, por aproximadamente seis (6) meses, além das atividades de observação dos estudantes no cotidiano escolar, organizou-se e realizou-se grupos de discussão e aplicou-se o questionário⁷ a

⁷ A escola pública que serviu de território para as atividades de campo da pesquisa oferece o ensino médio apenas no período matutino.

estudantes do 1º e 3º anos do ensino médio. Do total de estudantes da escola, 16 do 1º ano e 22 do 3ºano participaram dos grupos de discussão⁸, assim, estabeleceram-se diálogos com 38 alunas e alunos.

Mesmo que nossos interlocutores sejam filhos de famílias moradoras da área urbana de cidade de pequeno porte, de economia e cultura do agronegócio, os dados sociodemográficos construídos indicam que os estudantes são representantes das novas gerações de adolescentes que têm contribuído para objetivação de processos de diferenciação social e étnico-racial do ensino médio brasileiro, a partir das décadas iniciais do Século em curso, sobretudo a partir do estabelecimento legal da obrigatoriedade desta etapa da educação básica (Sposito; Souza, 2014; Sposito *et al*, 2018; Sposito *et al*, 2020).

Do ponto de vista etário, os estudantes que participaram do estudo tinham idades entre 15 e 19 anos; dos 38, a maior parte deles (34) tinha entre 15 e 18 anos de idade. Do total, contribuíram com a pesquisa 22 mulheres e 16 homens, todos solteiros; números que reverberam a tendência nacional, constatada a partir dos anos de 1990, de maior presença de jovens mulheres no ensino médio brasileiro (Almeida *et al*, 2018; Sposito *et al*, 2018). No conjunto, 23 alunos se autodeclararam não brancos: 05 deles se auto identificaram como pretos e 18 como pardos; 15 deles se auto referenciaram como brancos. Dos 38 jovens, a maioria (26) se auto declarou heterossexuais; os demais estudantes (10) se auto identificaram como bissexuais (7), pansexuais (2) e homossexual (1).

Quanto à renda mensal da família de origem dos estudantes, tem-se que 6 alunos declararam que a renda de seus respectivos núcleos familiares era de até 1 salário-mínimo⁹; 20 afirmaram que a família auferia mensalmente de 1 a 3 salários-mínimos¹⁰, e 5 jovens informaram que as respectivas famílias acessavam entre 3 e 5 salários¹¹ mensais; 9 alunos declaram que não sabiam a

⁸ Para a realização dos grupos de discussão, solicitamos aos estudantes que decidiram contribuir com a pesquisa que solicitassem aos pais ou responsáveis a assinatura de um Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE e que respondessem 11 questões de um formulário que teve por objetivo levantar dados sociodemográficos tais como: idade, sexo, orientação social, cor/etnia, religião, renda familiar, grupos ou associações de participação, além da prática ou não do trabalho.

⁹ O salário-mínimo nacional em 2022 foi de R\$1.212,00.

¹⁰ R\$1.212,00-R\$3.636,00.

¹¹ R\$3.636,00-R\$-6.060,00.

renda mensal do núcleo familiar. De uma perspectiva aproximativa, é possível afirmar que os estudantes da escola pública que conosco estabeleceram interlocução pertencem a famílias das camadas baixa e das camadas médias urbanas da sociedade brasileira.

Mais de dois terços (30) dos alunos que participaram da pesquisa registraram que estudavam e não trabalhavam; os demais (8) declararam que combinavam os tempos e ritmos da escolarização com o exercício de alguma atividade laboral remunerada. Diante destes dados, pode-se considerar que

se o engajamento em atividades laborais ainda é dimensão relevante na vida de adolescentes, as estatísticas nacionais já há algum tempo acenam um progressivo afastamento dos jovens de 15 a 17 anos do mundo do trabalho. Esse movimento ainda é marcado por assimetrias, mas, comparada a seus coetâneos mais velhos ou às outras gerações, a atual coorte de adolescentes brasileiros tem, ao menos tendencialmente, a escola como principal vínculo institucional (Sposito *et al*, 2018 p. 7)

Dessa forma, e ainda em concordância com Sposito *et al* (2018), a produção do conhecimento sobre os jovens brasileiros, sobre

a condição juvenil e [as] vivências de moças e rapazes de 15 a 17 anos está cada vez mais relacionada àquilo que experimentam na escola e às tensões de se viver a condição de estudante, o que não significa subsumir suas experiências à dimensão estritamente escolar e estudantil (Idib, p. 5).

A observação feita por Sposito *et al* (2018) de que, em décadas recentes, o ensino médio brasileiro adquiriu novas dinâmicas, nos impõem a necessidade de construção de dados de outros planos socializadores e das interações das experiências juvenis, tais como a adesão a uma confissão religiosa, como a conformação ou não de práticas religiosas. Nesta chave, dos 38 estudantes, apenas 6 deles informaram a não adesão a uma confissão religiosa. Dos que declararam vínculos religiões (32), os dados produzidos estabelecem convergências e dissonâncias com os resultados de pesquisa amostral, de escala nacional, sobre a filiação religiosa de brasileiros ao final da década passada (Datafolha, 2019). Os dados da pesquisa nacional referida demonstram que, no País, houve um crescimento do número de evangélicos, em relação às

demais confissões religiosas, a ampliação do número de indivíduos filiados ao espiritismo, a religiões afro-brasileiras e, ainda, o aumento do número de brasileiros em geral e de jovens em particular que declararam não ter religião (Novaes, 2018; Pestana, 2021). Entre os estudantes que contribuíram com nossa pesquisa foi possível constatar uma aproximação significativa nos números daqueles que informaram adesão ao catolicismo (15), os que se identificaram como evangélicos (13), os que declararam adesão à umbanda (6) e ao espiritismo (1), e 6 jovens registraram que não tinham adesão à confissão religiosa.

Do ponto de vista das práticas de participação social, verificou-se que parcela expressiva deles se vinculam a coletivos religiosos (14 deles) e esportivos (10); em menores números, alguns deles se agregavam a grupos de voluntariado (4), estudantis (4) e de meio ambiente (2). Estes dados são significativos do ponto de vista da compreensão da diversidade de interações e relações que eles constroem e vivenciam, para além da experiência da vida escolar que vivem cotidianamente, e são também significativos na medida em que evidenciam que entre os 38 estudantes apenas 4 deles se envolvem com coletivos estudantis, todavia, eles se constroem como atores sociais mediante o estabelecimento de vínculos com ações coletivas em torno da religião, dos esportes e socioambientais.

Por fim, todos os participantes do estudo demonstraram que tinham telefones móveis *smartphone* com acesso a pacote de dados móveis e aplicativos; serviços, financiados por seus responsáveis, que lhes permitiam acessar e estabelecer interações e vínculos sociais nos territórios numéricos da *Web*, tanto no interior da escola como em espaços e tempos exteriores.

O USO DO SMARTPHONE NO MUNDO ESCOLAR PESQUISADO: INTERDIÇÕES, ADEQUAÇÕES E MODOS ASTUCIOSOS DE USO

Na realidade brasileira, tendo em vista que nas últimas duas décadas o telefone móvel e mais recentemente o *smartphone* tenham tornado mediações culturais centrais para que os membros das novas gerações construam e mantenham interações sociais (Cgibr, 2017; 2021), vivenciem quadros de

socialização distintos dos propostos pelas instituições tradicionais da modernidade, no mesmo período, o poder legislativo de determinados estados da federação criou e impôs norma legal visando impedir que as novas gerações de estudantes - crianças, adolescentes e jovens, das etapas do ensino fundamental e do ensino médio, utilizassem o telefone celular no interior da sala de aula¹².

Em 2007, a poder legislativo do estado de São Paulo, mediante a Lei Estadual 12.730 estabeleceu que “os alunos estavam proibidos de usar o telefone celular durante as aulas, nos estabelecimentos de ensino do Estado”¹³. Em 2017, aquela norma foi alterada pela Lei Estadual 16.567. Na nova norma manteve a proibição do uso do dispositivo móvel no interior da sala de aula, mas flexibilizou o acesso e a sua utilização, nos casos em que ele se prestassem a finalidades pedagógicas. Uma tentativa frágil do poder legislativo de tentar impor, verticalmente, de cima para baixo, e fazer prevalecer dentro das escolas públicas, junto aos jovens-estudantes, o predomínio do papel de aluno sobre quaisquer outros papéis.

Todavia, as duas Leis não explicitaram quem, no interior do mundo escolar, teria a responsabilidade por acompanhar e supervisionar os estudantes que acatavam e respeitavam ou não aquelas regras legais, e, no caso de desacato às suas determinações quais seriam as sanções e como elas seriam observadas pelos estudantes que as transgredissem. Assim, o respeito e obediência às normas citadas deveriam ser praticados pelos estudantes num movimento que apela à autocontenção e autodisciplina de crianças, adolescentes e jovens, com idades entre 5 e 17 anos de idade.

Em 2022, tendo em vista as questões públicas impostas pela pandemia do Covid-19, que, dentre outras medidas, solicitou uma drástica diminuição do contato social e das interações face a face no espaço público, a Secretaria de

¹² Casos como o do poder legislativo do estado de São Paulo (2007;2017), temos, por exemplo, os dos parlamentos estaduais de Minas Gerais (Lei nº 14.486/2002), do Distrito Federal (Lei nº 4.131/2008), do Pará (Lei 18118/2014), do Ceará (Lei 14146/2008), entre outros. Entre 2002 e 2012, Naguno e Teles (2016, p. 363) identificaram 23 leis que interditavam o uso do celular no interior da escola, “sendo 11 estaduais, 11 municipais e uma do Distrito Federal”.

¹³ A redação do artigo único desta Lei é ambígua, contudo, neste caso, entende-se que as determinações da citada Lei valiam tanto para as escolas públicas como privadas.

Educação do governo paulista flexibilizou a observância das leis de 2007 e 2017, e redirecionou os corpos docente e discente para o território virtual, mediante o uso dispositivos tecnológicos de comunicação e informação, como o telefone móvel.

Assim, entre 2007 e 2022 o que se verificou nos estabelecimentos públicos de ensino – fundamental e médio, inclusive naquele em que esta pesquisa foi realizada, foram alunos e alunas que com resignação, astúcia, atritos ou incivilidade esgrimaram com as normas legais impostas pelo legislativo paulista.

A partir dos anos finais da década passada os trinta e oito (38) jovens-estudantes que contribuíram com este estudo, membros das novas gerações jovens brasileiros, filhos e filhas de famílias de camadas médias urbanas que têm garantido o direito à educação escolar básica pelo poder público e nativos digitais, demonstraram que são construtores de interações e relações mediadas pelo smartphone no interior do mundo escolar. Eles evidenciaram que tanto nos anos finais do ensino fundamental como no ensino médio, a partir do acesso e uso das TDICs eles constroem práticas e experiências que atritam e tensionam os estatutos de aluno e jovens que simultaneamente vivenciam em diferentes territórios da unidade escolar.

Um dos resultados construídos mediante os grupos de discussão é o que identificou que os interlocutores do estudo afirmaram que quando estavam no segundo ciclo do ensino fundamental e ingressando na vida adolescente, eles tinham conhecimento das normas do uso do telefone na escola e no interior do grupo ensino. Diante da interdição, eles e elas não levam o *smartphone* para a escola que frequentavam ou o portavam e o acessavam e o usavam fora da sala de aula. Desta perspectiva, não adquire relevância as dissonâncias ou tensões causadas entre as figuras do aluno e a do adolescente, dentro do mundo escolar, pelo *smartphone*, pois segundo eles e elas:

[Na escola do ensino fundamental], eu não tinha celular! (aluno, 1º ano do EM).

Eu até tinha, mas não podia levar para a escola e nem mexer...
(aluna, 1º ano EM).

Eu também não podia [mexer....] (aluna, 1º ano do EM).

Só [podia mexer no celular] no recreio e na educação física
(aluno, 1º do EM)

O conjunto de estudantes que colaborou com o estudo vivenciou, como questão pública e provação individual, a experiência da pandemia do Sarscov-2 (Covid-19) nos anos de 2020 e 2021. Na vigência daquela experiência de saúde pública e segurança os estudantes recordaram da experiência do confinamento doméstico e da necessidade de uso do computador ou do *smartphone* para darem uma continuidade possível às atividades escolares propostas pelo órgão público de ensino do governo paulista. Assim, eles se depararam com o imperativo acessarem e realizarem atividades de ensino-aprendizagem com seus docentes, de acesso e leitura aos materiais didáticos por eles propostos. Neste cenário, os estudantes, lembraram das dificuldades que experimentaram nas relações com os docentes e com as atividades de ensino que lhes eram propostas:

[os professores iam], postavam [a matéria]..... Se a gente tivesse que tirar dúvida, você mandava no pv¹⁴ dele. Depois ele respondia no grupo para todo mundo ver... (aluno, 1º ano do EM).

Utilizava para fazer as atividades..... tinha aula de multimídia
(Aluno, 3º ano).

Não foi bom: eu só dormia” (aluna, 1º ano do EM).

Era horrível, não aprendia nada! (conjunto de alunos do 3º ano do EM).

Foi só depressão!!! (aluna, 3º ano do EM).

Contudo, se no período pandêmico, as vivências relativas ao ensino e aprendizagem não foram satisfatórias e foram duramente criticadas pelos estudantes, eles também revelaram outras perspectivas de interações que foram

¹⁴ “pv”, privado.

valorizadas positivamente, pois pelo *smartphone*, no mundo virtual, as relações de coleguismo – mais protocolares, foram se tornando em relações de amizade:

Ficamos mais próximos, a gente começou a se falar; a gente passou a conversar com pessoas que não conhecia (aluna, 3º ano do EM).

Passado o período mais crítico da pandemia de Covid-19, quando o conjunto das escolas públicas estaduais de São Paulo retorna as dinâmicas sociais cotidianas por meio de interações presenciais, ao menos em grande parte delas, os estudantes declinaram que retomaram o uso do *smartphone* no interior da escola e do grupo ensino, seja para estabelecerem interações entre eles, seja para dialogarem com uma terceira voz, aquela que chegava pelas vias dos múltiplos aplicativos e dos jogos *online* possibilitados pelo *smartphone*. Tais práticas eram formalizadas por meio de astúcias ou contando com o silêncio conivente de alguns professores:

Eu usava na sala de aula. (...) O professor não via! Eu era Matrix!¹⁵ (aluna, 1º ano do EM).

Quando eu podia, eu trazia e usava para jogar, ouvir música. Eles [os docentes] davam bronca, mas, eu... usava; (...) nunca deu nada! (aluno 3º ano do EM).

Eu jogava *Free Fire*¹⁶, sozinho.... eu e Deus! (Aluno, 3º ano do EM).

Ela queria mandar pra fora, mas eu não ia, não.... levei advertência! (aluno, 3º do EM).

¹⁵ Nesse trecho, a estudante construiu uma narrativa, apelando para a fantasia e a dramatização, pois se descreve como alguém que é portadora de habilidades marcadas pela fluidez e a ubiquidade próprias do mundo virtual, e só eventualmente compartilhadas por seus colegas de turma e docentes. Ela fez lembrar o movimento de desvio de tiros feito em câmera lenta, apresentados e consagrados no filme *Matrix*, dirigido por Lilly Wachowski, Lana Wachowski, dos estúdios Warner Bros (1999; 2003; 2021).

¹⁶ *Free-Fire*, trata-se de jogo digital “de tiro multijogador”, criado para o acesso e uso em tecnologias móveis de comunicação. Em 2018, ele tornou-se um dos jogos que obteve significativo número de *downloads* em mais de duas dezenas de países, inclusive no Brasil (Macedo; Kurtz, 2021, p. 10).

Nos grupos de discussão, os estudantes relataram que, em sala de aula, em determinadas ocasiões, os professores percebiam que os alunos usavam o *smartphone* de modo mais autônomo e indiscriminado. Nessas situações, o docente, ao apelar para a autoridade conferida pela tradição, o professor responsável pela sala de aula mandava o aluno se retirar do grupo ensino. Todavia, ao se opor a determinação do docente, se recusando a sair da sala de aula, o ambiente da sala de aula tornava-se modulado por atritos e tensões nas interações de aluno-professor, adolescente-adulto. Nesses casos, nossos interlocutores deram indícios de que, na atualidade, a autoridade docente repousa menos na tradição e nas normas institucionais e mais em práticas contratuais estabelecidas *ad hoc*; que as relações de poder entre professor e aluno devem se valer de negociações e consensos, em que há o predomínio de uma perspectiva mais horizontalizadas de poder (Sposito; Almeida, Tárabola, 2020).

[Eu usava o] *whatsapp, instagram*.....
A professora me pegou usando, várias vezes...
Ela queria mandar pra fora, mas eu não ia, não!!! Levei advertência! (Aluno 3º ano do EM).

Também é de se destacar que durante o período da pandemia de Covid-19, parcela significativa de estudantes relataram que seus professores foram solidários e os auxiliaram dando-lhes apoio mental, além do pedagógico. Por falar do período pandêmico, segundo os estudantes o aprendizado foi horrível, “uma experiência confusa”, segundo eles devido à existência de vários grupos de postagem (via *whatsapp*), várias plataformas e até mesmo atividades impressas. Contudo, alguns professores eram disponíveis e parceiros, como já citado anteriormente, pois postavam tarefas, sanavam dúvidas e “trocavam ideias” sobre a vida; nestes casos, segundo alguns estudantes, os docentes eram incorporados as agendas de passeios e encontros organizados pelos alunos fora do mundo escolar: “tem piquenique, até professor participa”

Diante dessas sequências de relatos, provenientes de estudantes da turma do 1º ano do ensino médio, como da turma do 3º ano, algumas análises

podem ser formuladas Um delas, inspirada em Pereira (2010) que, em pesquisa etnográfica realizada com jovens estudantes da periferia de São Paulo, apreendeu que os telefones móveis ou aparatos correlatos, são acionados em sala de aula de modo cômico, jocoso, festivo e agonístico (gerando embates e tensões); aquela mediação pode também ser usada com um relevante instrumento para se empreender a zoeira ou a causação, desestabilizando o cotidiano e a ordem institucional das escolas. Também foi indicado pelos estudantes deste estudo a ocorrência de “brigas”, “confusões”, “acertos de contas” em virtude da “fofoca”, considerada por eles como uma situação mais positiva do que negativa, ainda que, ocasionalmente, ela derivasse para sentimentos de “ofensa” e de ressentimento.

É uma coisa que acontece na escola... (aluna, 1º ano do EM)

A pessoa pode ficar ofendida e vem tirar satisfação. (Aluno, 3º ano do EM)

Por exemplo, alguém brigou, (...) a briga dentro da sala, mesmo; vai lá e comenta no grupo.... a gente posta no grupo.... (aluno, 3º ano do EM)

(...) Eles falam, mesmo, assim: ‘então, vem me bater!’ (aluna, 3º ano do EM)

Tanto nos resultados da pesquisa de Pereira (2010), como nos resultados construídos por este estudo, tem-se que no interior do mundo escolar o uso do celular ou do *smartphone* contraria normas estabelecidas - legais ou regimentais, gerando tensões ou embates com a ordem institucional, gestando uma “contracultura escolar” (Willis, 1991), sem contudo gerar uma ambiência que se vê modulada ou alterada pela explosão e manutenção de conflitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resultados de estudos sobre temáticas semelhantes à nossa, realizados no contexto brasileiro com jovens estudantes da educação básica, vêm reforçando a compreensão de como as relações e interações entre estudantes,

e as interações que eles estabelecem com seus professores, mediadas por seus telefones móveis ou *smartphones*, podem ser conturbada e gerar novos desafios para o cotidiano do mundo escolar. No novo contexto que estamos inseridos, os docentes vivenciam novas inquietudes em relação ao estudante – um jovem, um ciborgue, a filha de uma Matrix, pois parece haver, entre os docentes da escolarização básica, uma incompreensão sobre as novas formas juvenis de compreender a própria vida, existindo inclusive uma sensação de perda de prestígio por parte dos professores, pois o estudante da educação básica do presente transita com mais independência, autonomia e desenvoltura no ciberespaço do que os seus professores, colocando em xeque a relação de poder e das hierarquias de saber dentro da sala de aula e entre as gerações (Sales, 2014).

Sobre as relações de poder que estabelecem professores e alunos no interior da escola na atualidade, recorremos aos resultados de um estudo transnacional que soltou à compreensão das formas de participação de estudantes do ensino médio na esfera escolar. Sobre as relações de poder mencionada, Sposito *et al* (2020) enfatizam que os representantes do mundo adulto no interior das escolas operam com filtros que os impedem de apreender com nitidez que os representantes das novas gerações de estudantes carregam necessidades, demandas e desejos, e expressa, recorrentemente, sociabilidades criativas, gerando tensionamento ao solicitarem por reconstrução de lugares, de papéis e de expectativas. Há uma transformação, portanto, das relações de poder entre os adultos e os adolescentes.

Para finalizar as breves análises dos resultados construídos pelo estudo sobre os desdobramentos do uso do *smatphone* por estudantes do ensino médio no interior do mundo escolar, destaca-se que os interlocutores desta pesquisa demonstraram que os estudantes-adolescentes do presente disputam a produção de sua autonomia e subjetividade a partir de novos modos de ser jovem, eles solicitam o seu reconhecimento aos adultos e agentes institucionais da escola, na medida em que a escola emerge na contemporaneidade como um mundo desencantado (Santos; Schroder, 2023). Como em outros tempos históricos, em que os estudantes e jovens interpelaram a escola e sua cultura com mediações

tais como o romance, o rádio, a televisão etc (Barrére, 2016), os estudantes dessa investigação demonstraram que, mesmo com a posse e uso do *smartphone* em diferentes territórios da escola, eles agem não no sentido de construir um fosso entre as gerações, mas agem no sentido de reafirmarem que assim como os mais jovens apreendem e se socializam com os adultos, esses, também apreendem e se socializam com os herdeiros do mundo. Portanto, se há novos desafios e provas que hoje estruturam o mundo escolar, para estudantes e professores, se há desencontros e tensões nas relações entre jovens estudantes do ensino médio e seus professores, eles também afirmam que é possível a construção de uma experiência social comum em que eles, alunos e professores, podem produzir novas modulações entre as relações entre saber e poder, no interior das relações e interações entre as gerações que se encontram e tecem o cotidiano e a cultura do mundo escolar.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G.. Jovens "indisciplinados" na escola: quem são? Como agem?. **Anais do 1º Simpósio Internacional do Adolescente**, 2005, São Paulo (SP, Brasil) [online]. 2005 [citado 17 Março 2024]. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100002&lng=pt&nrm=iso>
- BARRÉRE, A. La relación educativa bajo la prueba de las actividades juveniles: los nuevos desafios profesionales. **Propuesta Educativa**, n. 46, pp. 75-83, nov., 2016
- BERGER, P. L. ; BERGER, B.. O que é uma instituição social? In : FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. S. (Orgs.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro : Livros Técnicos e Científicos, 1977. p.193-9
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Vozes,. 1994, 247 p.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CARRANO, P.C.R. Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. **Perspectiva**, v. 35 n. 2, p. 395-421, 2017.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **Tic kids online Brasil**: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil – 2016. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. **Tic kids online Brasil**: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil – 2021. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021

CORROCHANO, M. C. **O campo de estudos de juventude no brasil e suas interfaces com a educação e o trabalho**: balanço e perspectivas da produção acadêmica (2007-2016). Sorocaba: UFSCar-Sorocaba, 2021. (Relatório final de pesquisa-CNPq)

CORTI, A. P. **Ser aluno**: um olhar sobre a construção social desse ofício. Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DATAFOLHA, **Pesquisa sobre religião**. São Paulo, Datafolha, 2019.

DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Editora UFMG, 2014.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Instituto Piaget, 1994, 271 p.

DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. A socialização e a formação escolar. **Lua Nova**, São Paulo, v. 40, n. 1, 1997.

DUBET, F. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. **Revista Contemporaneidade e Educação**, v.3, p. 27-33, 1998.

DUBET, F. Déclin de l'institution et/ou néolibéralisme? **Éducation et Société**, v. 1, n. 25, p. 17-34, 2010.

MARTINS, H.H.T.S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

SANTOS, M.; SCHROEDER, T.M.R. Juventude: perspectivas de professores e de alunos do ensino médio. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 3, 2023 e11712332991-e11712332991. <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i3.32991>

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 272 p.

LUCENA, S. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, São Paulo, p. 277-290, 2016 <https://doi.org/10.1590/0104-4060.43689>

MACEDO, T.; KURTZ, G. Quem não sonhou em ser um jogador de *videogame*? Colonialidade, precariedade e trabalho de esperança em Free Fire. **Contracampo**, v. 40, n. 3, 2021.

MARTUCCELLI, D. **Gramáticas del individuo**. Buenos Aires, Losada, 2007a.

_____. Lecciones de sociología del individuo. **Cuaderno de Trabajo**, Lima, 2007.

MEAD, M. **Cultura y compromiso**. Barcelona: Gedisa, 2002.

NAGUNO, E.; TELES, L.F. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n. 246, p. 356-371, maio/ago. 2016.

NOVAES, R. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 20, n. 2, 2018.

Disponível em:

<<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/download/39020/2750>>. Acesso: 20/abril/2023.

PEREIRA, A. B. **A maior zoeira**: experiências juvenis na periferia de São Paulo. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PESTANA, M. **As religiões no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER, 2021.

SALES, S. R. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do ensino médio. In: SALES, R. **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 229-248.

SÃO PAULO. (Estado). Lei Estadual 12.730, 11 de outubro de 2007

SÃO PAULO. (Estado). Lei Estadual 16.567, 6 de novembro de 2017

SIBILIA, P.. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, V. C. D; COUTO, E.S. Interfaceamentos contemporâneos: tecnologias digitais e tribos urbanas no contexto escolar. **Educação em Revista**, v. 28, n. 2, p. 333-346, 2012.

SILVESTRE, V. S.; MARTINS, R. M.; LOPES, J.P.G. Grupos de discussão: uma possibilidade metodológica. **Ensaio Pedagógico**, v. 2, n. 1, p. 34-44, 2018

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 118p

SOUSA, C. C. D.; LEÃO, G. M. P. Ser Jovem e Ser Aluno: entre a escola e o Facebook. **Educação & Realidade**, v. 41, p. 279-302, 2016.

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, São Paulo, v. 57, p. 210-226, 2003.

SPOSITO, M. P.; SOUZA, R.; SILVA, F. A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, v. 44, 2018.

SPOSITO, M. P.; ALMEIDA, E.; TARÁBOLA, F. D. S. Jovens do Ensino Médio e participação na esfera escolar: um estudo transnacional. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, p. 313-332, 2020.

WAUTIER, A. M. Para uma sociologia da experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet. **Sociologias**, São Paulo, p. 174-214, 2003.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 241-260, 2006.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser trabalhador**: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1991.

Recebimento: 17/04/2024

Aprovação: 01/05/2024